



BELÉM-PA

Duas visões do Rio Tucunduba, a parte ainda com palafitas e a já recuperada (à dir.)

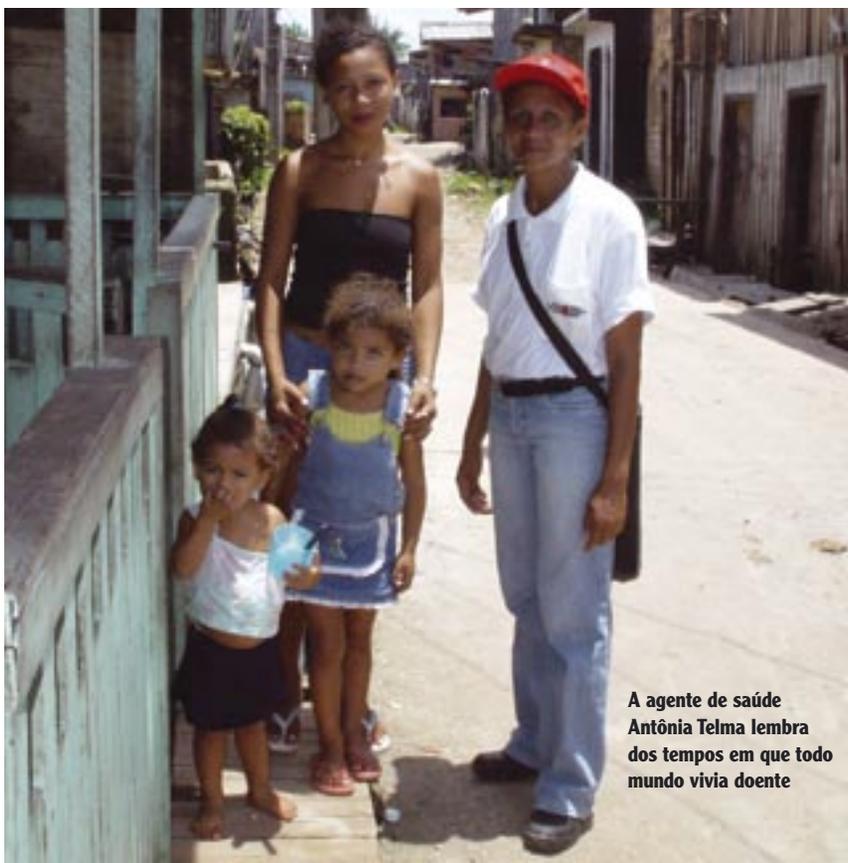


# Uma utopia possível

*O Congresso da Cidade mobilizou 213 mil cidadãos no ano passado*

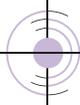
**N**a capital paraense, os programas e ações mais importantes da prefeitura são discutidos em grandes assembléias populares, com representantes escolhidos pelo voto direto. O principal canal de participação é o Projeto de Gestão Popular, mais conhecido como Congresso da Cidade, que, em 2003, envolveu 213 mil cidadãos. Quase 17% do 1,3 milhão de habitantes discutiram não só o orçamento, mas também políticas públicas e propostas para o desenvolvimento econômico e social do município. “É a utopia possível. Nós acreditamos que é assim que deve ser um governo de esquerda”, afirma Jurandir Novaes, a secretária de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão de Belém.

O Congresso da Cidade tem como ponto de partida o Orçamento Participativo (OP), mas o elevou a uma



**A agente de saúde Antonia Telma lembra dos tempos em que todo mundo vivia doente**

Fotos Louise Sottomaior



potência jamais vista antes. A idéia ganhou forma em 1998, na primeira gestão do prefeito Edmilson Rodrigues, por intermédio de um grupo de trabalho coordenado pela secretária Jurandir. “Queríamos a participação popular na elaboração do plano de governo”, diz ela. “O OP era insuficiente, pois tratava só do orçamento.” Havia outras limitações a superar. Uma delas era a dificuldade em promover mudanças estruturais, pois boa parte das demandas surgidas em qualquer OP é pulverizada e de curto prazo. “Quando discutimos apenas projetos concretos, estamos nos impondo os limites do capitalismo”, opina. “Queremos uma reflexão sobre o tipo de sociedade que desejamos no futuro.”

O desafio era encontrar um modo de mobilizar todo mundo para debater políticas públicas em relação a temas como infância, urbanização e direitos humanos, e também questões estruturais, como a privatização de serviços públicos e a ocupação da Amazônia. As mudanças começaram em 1998, com a formação das plenárias temáticas, voltadas para assuntos como saúde e educação, e das plenárias setoriais, que deram voz a grupos específicos, como mulheres, negros, sindicatos. Em 2003, foram criadas plenárias setoriais de afro-religiosos, espíritas e moradores de rua.

Aos poucos, a população compreendeu que tinha poder, podia sugere



Luís Miranda



Até as crianças de Belém elegeram delegados para o Congresso da Cidade

rir, opinar, escolher. Em 1998, 15 mil belenenses participaram dos debates. Em 2001, esse número dobrou e, em 2003, chegou a 213 mil. Em 2004, deve crescer mais. Cada um dos 72 bairros da capital paraense está realizando, pela primeira vez, a sua plenária. O Congresso da Cidade de 2004 começou com as assembléias de bairros e de setores, que discutem idéias e propostas, encaminhando-as às assembléias distritais. Paralelamente, há os congressos temáticos. Todas as sugestões aprovadas vão ao Congresso Geral. Lá, na plenária final, as sínteses das grandes propostas são votadas pelos representantes eleitos. Depois disso, ainda há o referendo popular, em que todos os que participaram das plenárias têm direito ao voto em urna, aprovando ou não cada sugestão.

A participação efetiva contribuiu para que o Congresso da Cidade recebesse no ano passado o prêmio Melhores Práticas, da Fundação Getúlio Vargas. Após a aprovação popular, cada projeto é monitorado por um colegia-

do que reúne diversas secretarias, órgãos e grupos sociais organizados.

**A**deus, palafitas – Um exemplo de iniciativa escolhida pela população que mobiliza vários setores do governo é o Projeto Tucunduba. Trata-se da reforma completa de uma região periférica de Belém carente e violenta, às margens do Tucunduba, um dos maiores rios da cidade. Com ocupações frequentes desde os anos 70, a região abrigava, em 2001, mais de 200 mil pessoas que viviam em palafitas, cercadas por esgoto a céu aberto. “Minha família, meus vizinhos, todo mundo ficava doente”, lembra a agente de saúde Antonia Telma, que mora na região há 12 anos. “Era leptospirose, diarreia, essas coisas.”

O contador desempregado Rogério Cruz é outro que recorda aquele período, tão recente, sem nenhuma saudade. “A gente vivia como podia. Fazia gato para conseguir luz e vinha buscar água na Universidade Federal do Pará, que é aqui do lado”, conta.

A comerciante Roberta Pantoja Viana, de 60 anos, lembra que não havia ruas perto do rio. “Era só beco. Tinha muito assassinato, bala perdida. A polícia nunca entrava aqui.”

Graças às decisões do Congresso da Cidade, esse panorama começou a mudar. A primeira das três etapas foi concluída em fevereiro deste ano. As obras incluíram a drenagem de quase a metade dos 3 quilômetros do rio, para evitar transbordamentos, e a urbanização do entorno, beneficiando cerca de 15 mil famílias, ou 75 mil pessoas. “Quando for concluído, o projeto atingirá 40 mil famílias, cerca de 200 mil pessoas”, calcula Rodrigo Lopes, o coordenador.

O projeto começou a ser discutido em 1997 nas assembleias locais da comunidade. Na ocasião, foram eleitos 140 delegados para o Orçamento Participativo, que definiu o Tucunduba como tema prioritário. Decidiu-se intervir no rio de uma forma diferente da convencional. Em vez de ser transformado num canal revestido de concreto, como em outras cidades, o curso do Tucunduba foi mantido e desobstruído. Na parte do rio que já foi reformada, 620 palafitas foram esvaziadas. Hoje esse trecho é navegável e dotado de pontes e passarelas. “Era um tapete de lixo. Agora, tem gente que pesca nele”, comenta a agente de saúde Antonia Telma.

A maioria da população foi mantida no local, o que não é comum. “Normalmente esse tipo de projeto é feito assim: tira todo mundo, faz a reforma, concreta o canal e constrói um bosque nas margens. Mas não queríamos fazer isso”, diz Rodrigo Lopes. Era preciso que a reforma estrutural resolvesse vários problemas da população, carente de moradia decente, saneamento, saúde, educação, emprego e tantas outras coisas. Os moradores foram estimulados a discutir e propor sugestões. “Não dá para ter

desenvolvimento sem a participação dos moradores locais”, resume Lopes. “Mas isso é bem mais difícil.”

Difícil e demorado. Tanto que, para ouvir todo mundo, o Projeto Tucunduba, iniciado em 1998, só foi inaugurado em fevereiro de 2004. Hoje a região abriga bairros urbanizados, com ruas pavimentadas, casas de alvenaria, água encanada e rede de esgoto, além de escolas, creches, feiras livres, postos de saúde e até um bos-

que às margens do rio. O resultado é o reconhecimento nacional e internacional. O Projeto Tucunduba foi considerado uma das dez melhores práticas de Gestão Local – Prêmio Caixa 2001, concedido pela Caixa Econômica Federal. O plano também foi indicado entre as 100 melhores práticas de gestão local no mundo pelo Best Practices and Leadership Programme, das Nações Unidas.

*Louise Sottomaior, de Belém*

## Todas as cores do arco-íris

**Paulo Roberto da Silva Duarte**, o Paulinho, de 42 anos, sempre foi discriminado por ser gay. Chegou a apanhar na escola e ainda ser suspenso por isso. “Eu sofria com a discriminação, com a agressão, com a suspensão e com a rejeição da família”, lembra Paulinho, hoje presidente da ONG Movimento Homossexual de Belém. Ele saiu cedo de casa e passou a lutar contra o preconceito e, especialmente, os efeitos dele, como a violência.

As mudanças mais importantes

para os gays foram conquistadas a partir de 2001, com a ajuda do Congresso da Cidade. Naquele ano, foram instituídas assembleias para discutir as reivindicações dos homossexuais. Muitas dessas demandas foram atendidas. Foi criado em Belém um hospital com tratamento de referência para soropositivos e as escolas contrataram sexólogos que orientam profissionais da educação a lidar com alunos e professores homossexuais. A Casa do Cidadão, órgão da prefeitura, dá assistência jurídica aos homossexuais que sofrem discriminação ou violência.

Outra conquista feliz foi a criação do I Campeonato Municipal de Queimada Gay. “Não é pela competição, mas pela auto-estima”, defende Paulinho.

E auto-estima, para ele, é a maior conquista de todas. “Eu me sinto mais confiante, mais seguro, me valorizo mais. Podem até não me aceitar, mas hoje as pessoas me respeitam.”

